



IV Colóquio de Filosofia Física e Matemática
“DETERMINISMO & CAOS”

Centro de Ciências e Humanidades • Universidade Presbiteriana Mackenzie
11 – 13 de maio de 2011



O conceito de “agora” em Aristóteles

Daniel Valente Pedroso de Siqueira

Mackenzie - Brasil
thez1492@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo procura demonstrar os preâmbulos da pesquisa empreendida sobre a filosofia aristotélica, com o ensejo de abordar o conceito de “agora” contido nos capítulos 10 e 11 do IV livro da Física de Aristóteles, para a posterior compreensão e definição do mesmo. O “agora” é tratado, por hipótese, como parte constituinte do tempo, possuindo uma translação dupla, sendo que, é por meio dele que é possível entabular um estudo que almeja compreender o tempo. A identidade e alteridade do “agora”, bem como a dupla função por ele desempenhada no âmbito temporal, foram apontadas e discutidas na pesquisa efetuada. Procura-se demonstrar como a percepção do tempo se dá através do “agora” e, concomitantemente, discute-se sua relação com os tempos anteriores e posteriores, além de discutir sua natureza, a constituição e a necessidade de identificação do “agora”, para que se possa notar o transcorrer do tempo. A pesquisa constituiu-se por uma abordagem teórica, tendo em vista a análise do texto aristotélico em sua versão original grega, o que resultou em uma tradução que, por sua vez, possibilitou a análise semântica e conceitual do tratado teórico sobre a filosofia da natureza de Aristóteles, contido nos capítulos supracitados.

PALAVRAS-CHAVES: Agora; Percepção; Mudança.

ABSTRACT: This current paper brings to demonstrate the preambles of the research undertaken on Aristotelian philosophy, particularly to address the concept of “instant” restrained in 10 and 11 chapters of IV book of the Aristotle’s Physics, to further understanding and its definition. The “instant” is treaty, hypothetically, as main constituent of time, which one has a double translation and, at all, it does through that its can engage in a study that aims to comprehend the time. Identify its and otherness, and also its dual function performed in time, have been identified and discussed in this study undertaken. It was demonstrate how the time perception occurs through the “instant” and, concomitantly, the interact and its relation on the previous time and afterward time in addition to discusses its nature, constitution and the necessity to identify the “instant” to quote the course of time. This survey is consisted of a theoretical approach, in view of an Aristotelian analysis of the original Greek text, which resulted in a translation that, by its turn, allowed a semantic and conceptual analysis of the theoretical treatise of the philosophy of nature by Aristotle, contained in the chapters already mentioned.

KEYWORDS: Instant; Perception; Transition.

UMA INTRODUÇÃO APRIORÍSTICA SOBRE A EXISTÊNCIA DO TEMPO

A questão discutida por Aristóteles no seu tratado do tempo (*Física*) refere-se aos aspectos físicos¹ do tempo. Uma definição proposta pelo Estagirita, sobre a concepção temporal, remete a pensar em um tempo que ou “não existe de forma absoluta” ou que se constrói de uma “forma obscura” (*Física* IV, 10, 218 a 32-33): qual seria, então, a constituição do tempo? Eis o primeiro problema que se apresenta: o tempo ocorre de uma maneira “imperfeita” e “obscura” para o observador, pois o tempo é infinito. Entretanto, Aristóteles afirma que o tempo é divisível e que suas partes existem, pois:

Partindo-se do pressuposto de que o tempo não existe de forma absoluta, diz-se que ele tem tão-somente uma existência imperfeita e obscura, pode-se dizê-lo em acordo com o que se segue; dizemos que uma parte dele foi e não mais o é, em contrapartida diz-se que o que ele virá a ser não o é ainda; é disto que o tempo é constituído e dizemos que o tempo é infinito e indefinidamente constante (*Física* IV, 10, 217 b 29 – 218 a 30).

Seria então o tempo formado por estes dois aspectos, sendo, então, constituído pelo ser e pelo não-ser? É necessário considerar que de tudo aquilo que se diz que é divisível, pode-se dizer que as partes que o constituem existem. Isso remete as partes que parecem constituir o tempo; mas, então, seria acertado afirmar que o tempo não é encontrado de forma absoluta porque as partes que o constituem não possuem uma existência efetiva? Mas e sobre o instante presente, o “agora”? Neste ponto, tem-se de enfrentar um novo problema, pois: “De certa maneira pode-se dizer que o agora não é uma parte, porque se diz que uma parte é uma certa medida do todo e o todo deve ser formado de partes; ora não parece que o tempo seja constituído de agoras” (*Física* IV, 10, 218 a 44-47). O “agora” não seria, então, parte constituinte do tempo, porque a parte parece possuir duas propriedades: (a) ela mede o tempo e; (b) ela compõe o todo².

Outra questão que o texto aristotélico apresenta, refere-se à identidade do “agora”: ele continua sendo sempre um e o mesmo, conservando sua identidade, ou ele se altera? Aristóteles conclui que ambas as alternativas implicariam em consequências inaceitáveis, pois tal discussão remete, indiretamente, à existência “obscura” do tempo. A explicação parece convergir para a questão do tempo, visto que o “agora” não pode permanecer o mesmo nem sequer se transformar em um outro, pois:

Admitir a continuidade dos agoras entre si, assim como os dos pontos, é impossível; pois se o agora não for destruído no agora consecutivo, mas após um outro, ele deveria coexistir em um agora intermediário, que deveria ser um agora infinito, o que é impossível. Assim sendo ele não pode permanecer sempre o mesmo; pois para nenhuma coisa que é divisível e limitada, há tão-somente um único limite, que seja contínua de acordo com uma só direção ou de acordo com várias; ora, o

¹ A concepção aristotélica de *φυσικα* (física, natureza) refere-se ao estudo da essência da natureza.

² Sobre isto, Aristóteles diz que: “Parte, (a) num sentido, significa aquilo em que a quantidade pode ser dividida de qualquer maneira: aquilo que é subtraído de uma quantidade enquanto quantidade é sempre parte dela. (b) Noutro sentido, partes se dizem somente as que são medidas do todo” (*Metafísica* Δ, 25, 1023 b 11-15).

agora é um limite e por ele é possível apreender um tempo finito (*Física IV*, 10, 218 a 17-25).

Se o “agora”, sobre esta análise, é visto (por hipótese) como parte constituinte do tempo e, ao assumir tal característica, ele desempenharia a função de medir (ou delimitar) o tempo. Ao se supor o “agora” como sendo sempre algo diferente, deve-se considerar que nenhuma parte do tempo se dá simultaneamente. O que no instante presente não existe, mas existiu anteriormente, deve ter, necessariamente, perecido e tal necessidade implica em uma não simultaneidade de “agoras”, sendo que, desta forma, o “agora” anterior não existe mais, pois deixou de sê-lo enquanto momento presente. Esta é uma das hipóteses apresentada por Aristóteles; outra hipótese remete a se pensar em um “agora” que se mantém o mesmo. Ao cogitar-se tal possibilidade, é necessário compreender que qualquer coisa que é divisível possui apenas um único limite; sendo assim, em um “agora” que se mantém sempre o mesmo tem-se de pensar em um “agora” que é limitado e que, portanto, define o limite de um tempo limitado – o que é controverso e inviável.

Para elucidar tal problemática parece ser necessário questionar, não sobre a existência do tempo enquanto tal, mas como se dá tal “existência imperfeita e obscura”; para tanto, o conceito de “agora” em Aristóteles se mostra como sendo uma ferramenta essencial para tal, visto que “o ilimitado enquanto ilimitado é incognoscível³”.

O “AGORA” ARISTOTÉLICO

O “agora⁴” é tratado por hipótese como parte do tempo: serve como medida visto ser o momento pelo qual se percebe o tempo. Assim: “A análise do agora constitui, portanto, a chave conceitual que nos permitirá decifrar os enigmas do tempo” (PUENTE, 2001, p. 203-204).

O tempo se manifesta de forma incompleta: uma parte dele “atualmente não é” (*ήν*) e outra parte “ainda não o é” (*έσται*). A afirmação de que o tempo não se apresenta de forma completa é compreensível, pois sua essência não se manifesta em sua completude. Mesmo sendo o “tempo infinito” (*άπειρος χρόνος*), não prescinde disto e se constitui por partes que não existem *efetivamente*; além da parte que existe de fato.

O “agora” é o parâmetro para que se possa atingir a universalidade do tempo. O tempo é constituído por partes conexas “cuja dependência é tal, que, dada a existência de qualquer delas, se pode seguramente concluir a da outra, em que, contudo uma seja causa da existência da outra” (*Categorias I*, 93).

Aristóteles demonstra como proceder, a fim de tomar em conformidade as partes distintas do tempo, fazendo-se uso do intelecto (*Metafísica Θ*, 2, 1046 b 21-23). Tal relação é uma atribuição resultante daquela referida pelo tempo: o passado só é assim tido por ser *um tempo que não é* e por estar em comparação com *um tempo que é*; assim como o futuro que é *um tempo que ainda não o é* pode ser imaginado, tendo como referência *o tempo que se dá*. Por ser o “agora” (*νύν*) a única parte do tempo que *realmente existe* – contrariamente daquilo que *já se deu* (*γέγονε*) e daquilo que *ainda não o é* (*μέλει*) – é através dele que se deve proceder a fim de estudar o tempo (com efeito, tanto o passado quanto o futuro não possuem um *ente* que se manifesta e, desta forma, têm seu próprio *ser* negado). Entretanto, o ente do “agora” não pode

³ No texto original grego: τό μέν απειρον ή απειρον αγνωστων (*Física I*, 4, 187 b 7-8).

⁴ O termo *νύν* possui múltiplos significados. Os tradutores modernos da *Física* se utilizam dos termos *presente*, *instante*, *momento* e *agora*. Optou-se por traduzir *νύν* por “agora”, respeitando a adequação e a necessidade do texto original, dado a maior eficácia para os propósitos atuais.

ser eterno e infinito: se fosse infinito não poderia estar contido em lugar algum e, se assim fosse, sequer existiria enquanto parte, visto que o infinito não pode ser caracterizado como sendo uma parte de um todo – isso remeteria a uma redução ao infinito (*Metafísica* α , 2, 994 b 27-30).

O “AGORA” NO TEMPO

Como se deve proceder quando Aristóteles afirma que “não parece que o tempo seja constituído de agoras” (*Física* IV, 10, 218 a 7)? É necessário compreender que a parte de um todo tem por função medir o todo do qual faz parte, assim como o ponto não é parte da linha e o “agora” não é parte do tempo. Assim o tempo, que é infinito e eterno (*Física* IV, 10, 218 a 32-35), não pode ser constituído por partes, pois isto seria pensá-lo ignorando a sua constituição ilimitada. Uma opção é se tomar o “agora” não como a medida para o tempo, mas sim, como a medida para *um* tempo⁵. Tal prática torna-se viável, pois o tempo é algo que não existe em ato e não é um inteiro⁶, assim o “agora”, mesmo que hipoteticamente todos os “agoras” fossem *somados*, não pode ser tido como medida para o tempo, pois tal soma não resultaria no inteiro. Ainda, o “agora” é visto como o único limite que conecta estas partes que não existem efetivamente. E é no “agora” que as mudanças ocorrem: caso não se percebesse a diversidade que a mudança faz incidir sobre o “agora”, seria impossível identificar a alteridade do tempo, o que resultaria na existência de um único “agora”. A partir disto, tem-se outro problema: Aristóteles indaga sobre “o agora ser único e idêntico ou ser sempre algo diferente⁷”. Aristóteles indica que ambas as opções caminham para uma não resolução: caso o “agora” seja tido como algo que é sempre diverso, a mudança ocorrida nele teria de ser eterna e, neste caso, deve-se indagar sobre quando um “agora” deixaria de sê-lo, visto que se tem outro “agora” ocupando o momento que anteriormente lhe pertencia. Caso a questão indicar que “este agora seja destruído por si mesmo”, isso se mostraria “impossível”, visto que “agora ele é” e, quando não for mais, ele não será e “para ser destruído deverá continuar existindo em um outro momento e teríamos que o instante que o precede não poderia acontecer” (*Física* IV, 218 a 15-18).

Se nenhuma das diferentes partes constituintes do tempo pode coexistir em um mesmo momento e, como a simultaneidade é definida por algo que se dá no mesmo momento, a noção de identidade do “agora” deve assumir outro significado. Ross (1995) aponta para a compreensão aristotélica sobre a distinção que se refere à essência do “agora”: é difícil querer conceituar o “agora” compartilhando de atributos que não se destinam, exclusivamente, a ele. Em *Da Geração e da Corrupção*, Aristóteles estipula que:

Dado que se supôs e demonstrou que a geração e a corrupção se dão nas coisas de forma contínua e dado que dissemos que a translação é causa do gerar-se, é evidente que, se a translação é uma, não é possível que ambos os processos de geração e corrupção se produzam juntos, por serem contrários entre si (pois a mesma coisa, encontrando-se no mesmo estado, sempre produz naturalmente o mesmo efeito; assim, sempre existirá ou a geração ou a corrupção (II, 10, 44).

⁵ White (1992, p. 207-225) aponta para a distinção “puramente” semântica entre o tempo e *um* tempo.

⁶ Sobre “a impossibilidade de o infinito existir em ato”, Cf. *Metafísica* K, 10, 1066 b 11-21.

⁷ No texto original grego *ἐν καὶ ταύτόν ἀεὶ διαμένει ἢ ἄλλο καὶ ἄλλο* (*Física* IV, 10, 218 a 10).

A consciência do tempo se encontra interrelacionada à percepção da dualidade dos “agoras”. Afinal, “é percebendo o movimento que nós podemos perceber o tempo” (*Física IV*, 11, 219 a 3); por isso que não é possível pensar em um “agora” que desempenhe uma dupla função. A menos que, a divisão empreendida seja tida em potência: desta forma, o “agora” poderia ser considerado como o limite que divide e unifica potencialmente o anterior em relação ao posterior. O “agora” não é afetado pela geração e pela corrupção da mesma maneira que as outras substâncias o são, pois “o tempo não é uma substância”, dado que:

[...] as linhas, os pontos e as superfícies não podem nem gerar-se nem corromper-se, embora sejam em certo momento e em outro momento não sejam [...]. O mesmo ocorre com o instante e com o tempo. Também ele não pode gerar-se e corromper-se e, contudo, parece ser sempre diferente, porque não é uma substância (*Metafísica*, B, 5, 1002 a 31 – 1002 b 8).

A identidade do “agora” se encontra em sua natureza e na função que exerce, enquanto sua alteridade fica a cargo da posição em que ele ocupa. Deste modo a essência do “agora” se encontra na mudança; ele difere porque a mudança que ocorre é diferente. Sua identidade é definida pelo movimento entre o anterior e o posterior e sua alteridade configura-se por estes *anteriores* e *posteriores* serem numeráveis. A geração e a corrupção dos “agoras” são únicas, pois se relacionam como mudança e não como substância.

A continuidade do tempo e sua divisibilidade são atributos compartilhados, também, pelo “agora”; por certo, a associação do tempo-agora se encontra assegurada, e fundamentada, por esta relação. O “agora” estabelece a continuidade do tempo por ser causa da continuidade do movimento, enquanto é aquele que numera, pois “o tempo é um ser do movimento e da mudança” (*Física IV*, 11, 218 b 9); é no agora que “encontramos uma relação entre o que ocorre com a mudança e entre o que é mudado” (*Física IV*, 11, 220 a 4). “A mudança e o que é mudado” encontram-se conjuntamente e esta analogia serve para definir a relação do tempo e do “agora”, visto que:

O tempo também é a continuação de agoras e é dividido pelos agoras; porque nele também encontramos uma relação entre o que ocorre com a mudança e entre o que é mudado. Com efeito, o movimento e a mudança formam a unidade da mudança, e se ocorre variações, isso não se deve no âmbito individual (o que seria uma ruptura na própria unidade do movimento), mas em relação à essência. Eis aí então, com efeito, o que determina o movimento como uma relação entre o anterior e o posterior. E esta propriedade corresponde também de uma certa maneira ao ponto: porque o ponto torna o comprimento da reta contínuo e determinado; com efeito, ele é o começo de uma parte e o fim de outra parte. Contudo, quando se toma como duplo o elemento único, cometer um erro é inevitável, o mesmo ponto pode definir o que é o fim e o que é o começo. Mas o agora, pelo movimento contínuo da mudança é sempre diferente, de modo que implica que o tempo seja um tipo de número, não referente à hipótese do que nos serviríamos para defini-lo como sendo o mesmo ponto do início e do fim, mas antes devemos considerar as extremidades de uma linha, onde esta mesma linha é ela própria e não como

uma parte constituinte para outra linha (*Física IV*, 11, 220 a 4-20).

O ponto, de “uma certa maneira⁸”, estabelece a continuidade da linha e a divide. Ao ser o fim de uma e o início de outra, ele desempenha uma dupla função na linha, na qual se encontra inserido – participa do comprimento contínuo da linha e também a determina. Goldschmidt (1982) aponta para dois conjuntos de equivalências, que são estabelecidos com a leitura do tratado aristotélico: (1) a continuidade do tempo, sua unidade de movimento e a continuidade do comprimento e; (2) a divisão do tempo, a determinação do movimento entre o anterior e o posterior e a determinação da duração deste movimento.

O “agora” participa do movimento entre o anterior-posterior, mas ao contrário do ponto, que é um e o mesmo para os dois segmentos da reta que correlaciona e limita, o “agora” é sempre diverso. Assim:

[...] o agora pelo movimento contínuo da mudança é sempre diferente, de modo que implica que o tempo seja um tipo de número, não referente à hipótese do que nos serviríamos para defini-lo como sendo o mesmo ponto do início e do fim, mas antes devemos considerar as extremidades de uma linha, onde esta mesma linha é ela própria e não como uma parte constituinte de outra linha; e, ainda, devemos considerar o que já havíamos dito (ao considerarmos o ponto como sendo duplo, isso se torna possível). Vemos desta forma que o agora não é mais tido como parte do tempo do que é do movimento e nem é como o movimento ou como os pontos de uma linha; mas temos que são como duas linhas que participam de uma mesma linha (*Física IV*, 11, 220 a 12-20).

6

Todavia ao se supor uma dupla função para um mesmo “agora”, incorre-se no risco de conceber um tempo, ou um movimento, que tenha de se encontrar parado para que essa retomada se dê: a comparação entre o agora e o ponto cessa aí. Pode-se conceber que um único e mesmo ponto delimite e divida a linha, ao ser usado para demarcar o fim de um segmento e o início de outro, mas ao analisar isto Goldschmidt (1982, p. 37-57) aponta para a necessidade e “obrigatoriedade da mente parar” para conceber tal quebra da continuidade. Tal quebra não é imediata; ao transpor este exemplo para o âmbito temporal, tem-se que, para que ocorra a divisão do tempo, uma pausa no tempo deve incorrer para se conceber esta separação. A comparação entre o “agora” e o ponto deve ser corrigida, pois o “agora”, ao contrário do ponto, não se encontra em nenhum momento *onde ele não esteja sendo*. Acarretando que esta dualidade do plano geométrico seja transposta para o plano temporal, ter-se-ia, necessariamente, um momento em que o tempo cessasse de ocorrer, pois este “agora” se encontraria demarcando o tempo que foi e, ainda, desempenhando a função de iniciar o tempo que virá. A divisão do tempo não pode ser determinada por um único momento, tampouco pode ser determinada por dois instantes adjacentes, sequer por dois momentos que sejam contínuos, mas sim por “agoras” consecutivos, ou seja, que são separados por um intervalo de tempo, mas não por outros “agoras”.

UMA CONCLUSÃO SOBRE O CONCEITO DE “AGORA”, EM ARISTÓTELES

⁸ No texto original grego: $\pi\omega\varsigma$ (*Física IV*, 11, 220 a 10).

A sucessão de “agoras” ocorre pela alternância do “agora” em ato pelo seu subsequente “agora” em potência. Este constante *vir a ser* implica em que cada agora, o “agora” seja outro, mas enquanto sendo *agora* ele ocorre sempre no instante atual; por isso “[...] o agora pode ser dito, então, em um sentido, o mesmo, e em outro não; por variar de um momento a outro, ele é diferente: eis então a essência do agora, podemos vê-lo a todo instante; mas em relação a si mesmo ele é o mesmo” (*Física IV*, 11, 219 b 12-15).

O “agora”, enquanto algo universal, é o mesmo: define e delimita o anterior do posterior e é o tempo presente. Isto é uma asserção de sua própria particularidade. O “agora” ocupa um *espaço* determinado, pois é o tempo manifesto, visto que sua geração e sua corrupção não ocorrem da mesma maneira como nas substâncias, pode-se sugerir que ele viria a ser e a deixar de ser concomitantemente, na sua sucessão temporal. Deste modo, pode-se pensar que a translação do “agora” é dupla; assim sua geração e sua corrupção poderiam ocorrer em um mesmo instante. Ao se tomar como sendo dupla a translação do “agora”, se compreende a natureza do mesmo, visto que “enquanto o que se translada existe, o que se gera não existe e por isso também a translação é anterior à geração” (*Da Geração e da Corrupção II*, 10, 44)

Ao se pensar em uma translação que é dupla, pode-se conceber que tanto a geração quanto a corrupção ocorrem concomitantemente, em um mesmo “agora”. A analogia do ponto e da reta serve para ilustrar esta problemática: o ponto ao constituir a linha difere entre si e se distingue pela posição que ocupa, mas ao ser analisado isoladamente, em relação a si mesmo, o ponto é o mesmo. O “agora” tem necessariamente de ser sempre diverso, pois caso contrário o tempo não poderia existir; a alteridade e diversidade do “agora” são garantidas pela sua dupla translação. É necessário que o “agora” não seja tido como sendo sempre o mesmo e deve ser pensado como sendo sempre outro, mesmo que em relação ao tempo ele seja visto como uno e sempre o mesmo. A questão sobre a alteridade do “agora” deve ser esclarecida, pois o “agora” em ato difere do “agora” em potência. Poder-se-ia afirmar que o “agora” que não é, encontra-se privado de sua efetividade, pois: “Quando se diz de alguma coisa, que ela está privada de qualquer efetividade, é nos casos em que nela não existe o que nela por sua natureza devia existir, ao menos no momento de que se trata” (*Categorias I*, 82).

O tempo, assim como o “agora”, por não ser uma substância não pode ser dito que se gera ou que se corrompe; o “agora” não pode gerar-se e corromper-se e, contudo, este parece ser sempre diferente, porque “não é uma substância” (*Metafísica B*, 5, 1002 b 6-8).

A diversidade do “agora” deve ser tida em relação ao seu ser; sua identidade, em contrapartida, se refere intrinsecamente em seu substrato. Assim, “o agora pode ser dito então, em um sentido, o mesmo, e em outro não⁹”, visto que “se pode dizer que o agora é o mesmo quando analisado de forma única, mas em sua essência ele é sempre diverso¹⁰”. A identidade do “agora” remete a este “ser a medida para o tempo e por ele comportar tanto o anterior quanto o posterior¹¹” e, esta identidade implica que cada “agora” ocorra no momento presente: sua “agoridade” (PUENTE, 2001, p. 209) é sempre a mesma, visto que sua essência é a mesma, pois ocupa a mesma função no tempo. Mas mesmo ao se pensar no “agora” que se dá no momento presente, tem-se que ele desempenha uma função sempre diversa, pois se refere a uma alteração

⁹ No texto original grego: *Τό δέ νυν ἐστὶ μὲν ὡς τὸ αὐτό* (*Física IV*, 11, 219 b 12-13).

¹⁰ No texto original grego: *τὸ δ εἶναι αὐτῷ ἕτερον* (*Física IV*, 11, 219 b 10).

¹¹ No texto original grego: *Τό δέ νυν τὸν χρόνον μετρεῖ, ἢ πρότερον καὶ ὑστερον* (*Física IV*, 11, 219 b 11).

determinada pela mudança ocorrida no tempo. O “agora” é um predicado de uma substância que se movimenta e que sofre mudança, visto que “a mudança acontece também em relação ao objeto” (*Física IV*, 11, 219 b 18) e, esta alteridade, refere-se à sua geração enquanto tal.

Ao se retomar a questão sobre o *ser* do “agora”, pode-se dizer que sua essência se dá pelo número que ele atribui ao anterior e ao posterior: em outras palavras, quando se percebe o movimento decorrente do anterior-posterior e se estabelece uma diferença numérica que distinga um “agora” anterior de um posterior, tem-se a manifestação do “agora” em sua “agoridade”. É por isso que a identidade do “agora” implica a alteridade de seu ser. O exemplo sobre *Coriscus* (*Física IV*, 11, 219 b 21), ilustra essa problemática: ambos são idênticos (enquanto analisados como sujeito), visto ser o mesmo personagem em ambas as situações (no *liceu* e na *ágora*), porém, em instantes distintos cada qual possui ligado ao seu sujeito expresso um atributo accidental que o distinguem – “o *Coriscus* do liceu” não é o mesmo que “o *Coriscus* da ágora”. Tal relação, entre o tempo e o lugar, é mostrada no exemplo ilustrado: ambas as situações são *quase* idênticas, mas são diferentes em relação ao ser retratado. Em contrapartida, a identidade do “agora” possui um significado mais preciso, pois se direciona a um período de tempo específico que é definido pelo movimento da substância que participa deste tempo.

O “agora” deve ser tido como aquele pelo qual se pode compreender o tempo: ele é a premissa inteligível do tempo. É sua efetividade que fundamenta a sucessão temporal, pois é por se relacionar com o movimento (mudança), que se torna possível o contínuo temporal e a sucessão de “agoras” que limitam e delimitam os anteriores dos posteriores. É necessário pensar o “agora” como sendo o limite do tempo e não como sendo uma parte do mesmo. Ao se retornar o exemplo aristotélico, do ponto e da linha, entende-se que assim como o ponto não é uma parte da linha, o “agora” não é uma parte do tempo, pois a soma das partes não resulta no inteiro. Como Callahan (1968, p. 49) observa, “o agora não pode ser tido como algo que participa de outro agora” – visão ser rejeitada por Aristóteles. Ross salienta que:

O agora é percebido como o mesmo – como um antes e como um depois do próprio movimento –, onde ele determina este antes e este depois ao numerá-lo (ou seja, o agora agiria como um número), mas que não pode ser determinado, ou representado, como sendo algo que possui dois segmentos (1995, p. 598, tradução própria).

Portanto, a existência do “agora” não é dúbia, ele existe: ao contrário do que *já foi* e do que *ainda está por vir*, o “agora” tem sua existência efetiva em ato. Sua alteridade incessante, conjuntamente com a sua identidade permanente, revela sua “propriedade desconcertante” (GOLDSCHMIDT, 1982, p. 16) que o permite medir o tempo sem, no entanto, ser uma parte do mesmo. Assim, é pela alteridade dos “agoras” que “sem o qual não haveria tempo, pois não teríamos a percepção da mudança, o que resultaria em não percebermos o decorrer de qualquer tempo” (GOLDSCHMIDT, 1982, p. 26), por oposição ao “agora” idêntico, único e indivisível, que se pode conceber a ideia de movimento. Apesar da relação entre tempo-movimento não se limitar à percepção da alma – Aristóteles diferencia a noção de “um movimento” (*κίνησις*) e a noção de “um certo movimento” (*κίνησις τι*), sendo que este último é aquele que é percebido pela alma e não é necessariamente o movimento físico –, pois ao se pensar em uma situação onde não sobrevenha a percepção de uma diversidade de momentos (decorrente das mudanças percebidas), tem-se a “impressão” que o tempo não passou, mesmo que isso de fato não tenha ocorrido: isso remete à situação vislumbrada pelos heróis da fábula, que ao não presenciarem mudanças durante o

período de tempo em que passaram dormindo, supõem não ter transcorrido tempo algum durante este intervalo.

O “agora” é a única parte do tempo, que existe em *ato*; a divisão por ele exercida relaciona-se com as duas partes do tempo que só existem em *potência*; ele desempenha a função de limitar essas partes, mas ele mesmo não pode ser tido como parte do tempo, a menos que, como Ross afirma:

Na medida em que está atuando como limite, o agora não é tempo, mas um acidente do tempo, mas, desde que ele se encontre sendo, como o momento presente e única parte do tempo efetiva (o que equivale a dizer que o agora “é a unidade que serve de tempo”), o agora é parte do tempo – visto ele desempenhar a função de número que numera aquilo que se define pelo tempo (1995, p. 603, tradução própria).

Isso está de acordo com o que o próprio Aristóteles diz, pois:

Sendo como um tipo de limite, o agora não é o tempo, mas é um acidente; como algo que numera é um tipo de número; pois os limites não podem pertencer às coisas das quais eles limitam; ao contrário, o número que numera esta força se encontra em outro lugar fora desta força (*Física IV*, 11, 220 a 21-23).

Desta forma, o “agora” é tipo como aquele que desempenha duas funções distintas, a saber: (1) ele estabelece a continuidade do tempo, ao abranger as partes do tempo – o anterior e o posterior – agindo como uma “extensão” das partes do tempo que existem em potência e que se encontram próximas do “agora”, que é tido como o limite, pois é o tempo em ato; e (2) ele pode ser também tido como “um limite do próprio tempo” (*πέρας χρόνου*), agindo, desta forma, como uma “hipotética extensão” do tempo passado e um princípio do tempo futuro.

Assim, tem-se que o estudo do conceito de “agora”, em Aristóteles, é tarefa fundamental para a compreensão da definição do tempo em Aristóteles. O “agora”, ao ser compreendido como o *delimitador do ilimitado*, que é o tempo, possibilita o reconhecimento do tempo, de uma forma inteligível e praticável.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Categorias*. Lisboa: Guimarães Editores, 1994.
- ARISTÓTELES. *Da Geração e da Corrupção* – Seguido de Convite à Filosofia. São Paulo: Landy, 2001.
- GOLDSCHMIDT, V. *Temps physique et temps tragique chez Aristote*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1982.
- LLOYD, G. E. R. & OWEN, G. E. L. *Aristotle: On mind and the senses*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2007.
- PUENTE, F. R. *Os sentidos do tempo em Aristóteles*. São Paulo: Loyola, 2001.
- WHITE, M. J. *The continuous and the discrete: Ancient physical theories from a contemporary perspective*. Oxford: Clarendon Press, 1992.



REVISTA PRIMUS VITAM

10